



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 19 – Ano X – 05/2021
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Trajetórias de um grupo de estudantes quilombolas na UFVJM

Prof^ª. Dr^ª. Paula Cristina Silva
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
Docente da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – FIH/UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5594074726509467>
E-mail: paula.cristina@ufvjm.edu.br

Amanda da Conceição Vieira
Discente do Bacharelado em Humanidades – FIH/UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6517104428559663>
E-mail: amanda.vieira@ufvjm.edu.br

Tainara Virgínia Santos
Discente do Bacharelado em Humanidades – FIH/UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8770785326841442>
E-mail: tainara.santos@ufvjm.edu.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar uma breve trajetória de estudantes moradores de uma comunidade quilombola, situada entre os municípios de Diamantina e Serro, analisando sua entrada no ambiente universitário. A pesquisa de campo, desenvolvida em 2020, foi realizada por e com moradores da comunidade acerca de suas trajetórias acadêmicas na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, tanto dos egressos, como os que ainda estudam nesta instituição. São evidenciados os processos de entrada na UFVJM, as dificuldades e conquistas apontando como a Universidade tem mudado os rumos dos moradores desse território.

Palavras-chave: estudantes quilombolas, trajetórias, universidade.

Introdução

Atualmente, temos registros de comunidades quilombolas em 24 entes federados brasileiros, sendo que a maior concentração ocorre nos estados do Maranhão, da Bahia, de Pernambuco e de Minas Gerais. A maior parte dessas comunidades concentra-se portanto na região nordeste, fazendo Minas Gerais figurar como o estado que possui a maior concentração dessas comunidades tradicionais fora dessa região. Embora alguns estados incluam em sua constituição estadual (Maranhão, Bahia, Goiás, Pará e Mato Grosso) ou em legislação específica (Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo) a questão territorial quilombola, Minas Gerais ainda não regulamentou a titularização das terras (BRASIL, 2009).

Dados da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) indicam que, até o ano de 2002, havia 743 quilombos. Em razão do auto reconhecimento de diversas comunidades, e do incentivo do Programa Brasil Quilombola, aconteceu um expressivo aumento no número de povos que se identificam como sendo quilombolas: 3524, dos quais 1342 foram certificados pela Fundação Palmares (BRASIL, 2009).

De acordo com dados socioeconômicos disponíveis sobre as famílias quilombolas registrados no Cadastro Único de Programas Sociais do Governo Federal, publicados no Guia de Políticas Públicas Quilombola, em janeiro de 2013, havia 2.197 comunidades reconhecidas oficialmente pelo Estado brasileiro. Em quatro anos, de 2009 a 2013, temos, assim, um crescimento de mais de 60% de comunidades reconhecidas como quilombolas. De acordo com dados publicados no site da Fundação Cultural Palmares, em Minas Gerais, são 381 comunidades reconhecidas e, no Brasil, 3271.

Quando nos remetemos a semântica do termo quilombo, verificamos sua diversidade de interpretação nos aspectos políticos, jurídicos e sociais. A noção de quilombo não deve ser entendida como algo estático, ahistórico e universal. Ao nos reportamos ao tema quilombo aspectos referentes à diáspora africana, ao racismo, à ancestralidade e à territorialidade não podem ser desconsiderados de modo a não persistir a lógica de apagamento, invisibilização e subalternização desses sujeitos. Faz-se importante não imobilizar e naturalizar a noção de quilombo ou quilombola,

abarcando as variadas e controversas formas de produção cultural, social, política e econômica desses sujeitos (MIRANDA, 2016).

Historicamente com o uso do termo quilombo pretendia-se designar, no Brasil, grupos isolados ou de uma população homogênea, no entanto, Eliane Cantarino O'Dwyer, há mais de vinte anos afirmava que o termo quilombo vinha assumindo novos significados não só para a literatura especializada, como também para grupos, indivíduos e organizações, passando a designar a situação de segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. O'Dwyer (1995, p. 2) destaca que o termo passou a se referir a “grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio”. Indo ao encontro da legislação publicada em 2003, de que trataremos no próximo parágrafo, O'Dwyer (2007) aciona os termos “quilombo” e “remanescente de quilombo” e destaca que é importante, em qualquer referência ao passado, realizar a correspondência a sua forma atual de existência, que pode acontecer a partir de outros sistemas de relações que marcam seu lugar em um universo social determinado.

O artigo segundo do Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, define que são consideradas comunidades remanescentes de quilombos os grupos étnico-raciais que se auto reconhecem tendo trajetória histórica própria, relações territoriais específicas e marcas da ancestralidade negra relacionada à resistência à opressão histórica vivenciada por esses grupos. Nesta mesma direção, também a Sociedade Brasileira de Antropologia define a população quilombola como sendo formada por grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos em um determinado lugar (BRASIL, 2009).

Santa Cruz é uma comunidade Quilombola do Alto Jequitinhonha, situada entre os municípios de Diamantina e Serro, em Minas Gerais. Levando em consideração que desenvolver uma pesquisa no campo das Relações Étnico Raciais nos convoca a pensarmos em outras formas de fazer pesquisa qualitativa, na construção de metodologias junto aos sujeitos (SILVA, 2020), o texto que ora apresentamos, é fruto da investigação desenvolvida por duas estudantes quilombolas deste território, sob orientação da professora da Universidade.

Temos na UFVJM oito estudantes e duas egressas da comunidade quilombola Fazenda Santa Cruz nos cursos de Bacharelado em Humanidades, Pedagogia, Licenciatura em Educação do Campo, Bacharelado em Ciência e Tecnologia e Engenharia Mecânica. São os/as primeiros/as de sua comunidade, de sua família, a ingressar no Ensino Superior. A comunidade é remanescente da luta contra a escravidão ainda do período colonial/imperial. Os laços de afetividade na comunidade são de uma grande família, onde todos se ajudam e vão levando a vida de uma maneira tranquila e sem muitas preocupações. De alguns anos pra cá, a comunidade começou a crescer, e devido as dificuldades muitos se deslocaram para outros municípios, até para outros Estados buscando uma melhoria de vida.

As crianças e adolescentes da comunidade são alegres e sem muitas preocupações. Os jovens em sua maioria fazem algum trabalho na própria comunidade como forma de se sustentarem, e alguns após concluído o ensino básico procuram uma qualidade de vida melhor optando por continuar os estudos.

De uns sete a seis anos pra cá, alguns jovens da comunidade começaram a buscar uma vida melhor e dessa forma, tentando entrar na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, no campus JK, em Diamantina. Como é de fácil acesso (Universidade perto da comunidade) os jovens da comunidade passaram a se esforçar para conseguir uma vaga para iniciar os estudos. Aos poucos os jovens da comunidade foram entrando na Universidade e atualmente o número de jovens da comunidade Santa Cruz na UFVJM tem aumentado de forma significativa.

Nesse sentido, essa pesquisa se insere na área da Educação, no campo de estudos das Relações Étnico Raciais, mais precisamente no âmbito da temática de quilombos. Nos últimos anos, observamos um processo de democratização da Educação Superior, representado pela expansão das Universidades por meio do Programa Federal Reuni que apoiou planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais Brasileiras, através do Decreto 6.096 de 24 de Abril de 2007, e da efetivação das cotas étnico-raciais aprovada pela Lei Federal 12.711 de 2012. Todavia, dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –, da publicação “Retratos das desigualdades de gênero e raça no Brasil – 1995-2015”, desvelam que, apesar da escolarização de população brasileira ter avançado, no que se refere ao acesso à educação nos últimos anos, as diferenças entre os grupos sociais perpetuam-se:

Entre 1995 e 2015, duplica-se a população adulta branca com 12 anos ou mais de estudo, de 12,5% para 25,9%. No mesmo período, a população negra com 12 anos ou mais de estudo passa de inacreditáveis 3,3% para 12%, um aumento de quase 4 vezes, mas que não esconde que a população negra chega somente agora ao patamar de vinte anos atrás da população branca. (IPEA, 2017)

Nessa direção questionamos qual o impacto desse contexto nas trajetórias de estudantes quilombolas em nossa região? Nascimento (2006) assinalava que a educação representa um elemento de pressão dos grupos subordinados em busca de melhores condições de vida e ascensão social. Tendo em consideração um passado patriarcal, colonial e escravagista que reverbera cotidianamente em nossa sociedade, os avanços educacionais são limitados e recentes à população negra. Embora os dados estatísticos registrem uma diminuição frente às desigualdades educacionais, “a recíproca não foi idêntica quanto à população negra e mestiça” (NASCIMENTO, 2006, p. 105), tal qual nos revelam os dados do IPEA.

O estado da arte Educação e Relações Étnico Raciais, na categoria Quilombos e Educação (MIRANDA et al, 2018) apresenta uma lacuna no que diz respeito à população quilombola e o ambiente universitário. Não há registro de pesquisas que tratem da inserção desses sujeitos no Ensino Superior. Nesse levantamento bibliográfico é possível observar os percalços e as dificuldades relacionadas ao gênero, à raça, à classe e etnia que estudantes negros/as e quilombolas enfrentam no contexto escolar da Educação Básica. Em consonância, em estudo recente, Silva (2020) também aponta a necessidade de compreender de maneira mais detida a presença de estudantes quilombolas na Universidade, compreendendo as barreiras e as estratégias acionadas para prosseguirem na escolarização.

Devido à dificuldade de se locomover diariamente da comunidade até a Universidade, muitos ou a maioria buscou uma forma de residir na cidade de Diamantina, seja na casa de parentes, ou arrumando algum emprego para custear aluguéis durante os estudos. Com base nessas informações, e devido a toda dificuldade que se encontra no caminho, este trabalho tentou elaborar uma síntese de como tem sido ou foi o percurso desses jovens na UFVJM, incluído as autoras deste trabalho, Amanda e Tainara, graduandas em Humanidades da Universidade.

Procedimentos Metodológicos

Há um expressivo número de pesquisadoras e pesquisadores que vêm questionando a produção de conhecimento científico (MOURA, 1983, GONZALEZ, 1984, NASCIMENTO, 1974, CARVALHO, 2001; SANTOS, 2008), interrogando lugares de enunciação e posicionamentos atravessados por privilégios de raça, classe, sexualidade e/ou geopolítica. Nesse mesmo caminho, Biglia (2014) nos aponta a necessidade de (re)pensarmos outras maneiras de conhecer. A pesquisadora se soma a outros autores que questionam a ideia de ciência neutra, apolítica e sem interferências. Destaca que a ciência ocidental produziu uma narrativa progressista e evolutiva, sem réplica, questionamentos ou dúvidas. A autora indaga de que maneira essa narrativa influencia nossa visão do que conhecemos e investigamos, e também relembra que produzir conhecimento é sempre um ato político, que demanda consciência e responsabilidade.

Nessa direção, conforme fora mencionado, existia uma relação pré-estabelecida entre a orientadora da Universidade e moradores da comunidade investigada, incluindo estudantes do quilombo que são egressas e estão matriculadas na UFVJM. O que favoreceu desenvolvimento deste estudo, mesmo diante do contexto de pandemia COVID-19.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa caracterizada pela descrição, pelo interesse mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos e pela forma como diferentes pessoas atribuem significados às suas vidas (BOGDAN e BIKLEN, 1994), realizamos conversas, junto aos/às estudantes da comunidade. Para o desenvolvimento das *conversas* nos ancoramos nas perspectivas de Juan Martin e Angeles Madroñal (2016) que abordam a necessidade de “descolonizar as metodologias etnográficas e a produção antropológica, assim como o compromisso de transferir e partilhar com os sujeitos que constroem o conhecimento antropológico” (MARTIN; MADROÑAL, 2016, p. 262). Para ambos, é importante considerar a herança colonial da antropologia, entretanto, defendem a abertura de outras antropologias e que tal abertura se estenda “aos outros” e “às outras” subalternizados/as. Ao elaborarem uma revisão acerca das tendências descolonizadoras da antropologia, demarcam a distinção entre “diálogos

etnográficos” e “conversas”, de que nos servimos nesta investigação: “defendemos que nas conversas etnográficas (que não nos diálogos da Antropologia pós moderna) nos “convertemos”, não no sentido de que nos convertemos no outro da conversa, mas em que em ambos nos tornamos versões de nós mesmos produzidas na conversa” (MARTIN, MADROÑAL, 2016, p. 271).

As estudantes autoras deste trabalho fizeram algumas perguntas para os jovens da comunidade que estão ou foram estudantes da Universidade. Diante desta perspectiva, as autoras do trabalho elaboraram o seguinte roteiro para a conversa: *Em que ano ingressou na faculdade? Qual nome do curso? Quais experiências tem/teve na Universidade? Como foi? Quais as dificuldades encontradas durante o curso?*

A seguir uma tabela com os sujeitos da pesquisa:

Sujeitos da pesquisa		
Nome	Curso na UFVJM	Situação
Amanda	BHU	Em Andamento
Tainara	BHU	Em Andamento
Egressa 1	Pedagogia	Concluído
Egressa 2	Pedagogia	Concluído
Estudante 1	Educação do Campo - Ciências da Natureza	Em andamento
Estudante 2	Pedagogia	Em andamento
Estudante 3	BHU	Em andamento
Estudante 4	BCT	Em andamento
Estudante 5	BHU	Em andamento
Estudante 6	Engenharia Mecânica	Em andamento

Fonte: Tabela elaborada pelas pesquisadoras

Os dez sujeitos da pesquisa são estudantes quilombolas que ingressaram na Universidade entre os anos 2012 e 2018 através do ENEM e SASI. Todos pertencem a Comunidade Quilombola de Fazenda Santa Cruz, situada entre os municípios de Serro e Diamantina, MG.

Uma das sujeitas da pesquisa e também autora desse trabalho é a Amanda da Conceição Vieira, estudante do Curso de Humanidades, 24 anos, cursou o ensino fundamental (anos iniciais) na escola da comunidade e os, Ensino

Fundamental (anos finais) e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis localizada no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro.

A estudante Tainara Santos, também autora desse trabalho, do Curso de Humanidades, 24 anos, cursou o Ensino Fundamental (anos iniciais) na escola da comunidade e os, Ensino Fundamental (anos finais) e parte do Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis localizada em São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro. Concluiu o ensino médio em uma escola estadual na cidade de Diamantina.

A atualmente educadora, Egressa 1, dos cursos de Humanidades e Pedagogia, 28 anos, cursou Ensino Fundamental (anos iniciais) na escola da comunidade e Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis. Atua na área de formação docente como educadora em uma escola municipal na cidade de Diamantina-MG.

A pedagoga, Egressa 2, dos cursos de Humanidades e Pedagogia, 30 anos, cursou Ensino Fundamental (anos iniciais) na escola da comunidade e Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis. Atua na área de educação como Especialista da Educação Básica em uma escola estadual no município de Minas Novas- MG.

A estudante 1, do curso de Educação no Campo (Ciências Naturais), 31 anos, cursou o Ensino Fundamental na escola municipal da comunidade e os anos finais e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis.

A estudante 2, 24 anos, graduanda do Curso de Pedagogia, cursou os anos iniciais na escola do quilombo e os anos finais e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis.

O estudante 3, 23 anos, aluno do curso de Humanidades, cursou os anos iniciais na escola do quilombo e os anos finais e Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis.

A estudante 4, 30 anos, aluna também do Curso de Humanidades, cursou os anos iniciais na escola do quilombo, os anos finais e o primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis e concluiu o Ensino Médio em Votorantim-SP, na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O estudante 5, 20 anos, graduando do Curso de BCT (Bacharelado em Ciência e Tecnologia), cursou os anos iniciais na escola da comunidade e anos finais e ensino médio na Escola Estadual João Ermenegildo Caldeira em Datas-MG.

O estudante 6, 23 anos, aluno do curso de Engenharia Mecânica, cursou os anos iniciais na escola da comunidade e anos finais e ensino médio na Escola Estadual João Ermenegildo Caldeira em Datas-MG.

Percebe-se, com base nos dados coletados que todos os sujeitos da pesquisa estudaram em escola pública, iniciaram a vida escolar na própria comunidade e posteriormente seguiram para escola estadual mais próxima do quilombo. No próximo item discutiremos os resultados da pesquisa.

3. Uma reflexão acerca das vivências do estudante quilombola na universidade

A partir dos conversas, observamos que o ingresso do/a estudante quilombola no ambiente acadêmico é algo desafiador, considerando que o único espaço que teve acesso na maior parte da vida foi o próprio território. Torna-se necessário assim aprender a lidar com o diferente, aprender a socializar para não ficar “perdido” em meio a tanta novidade. Segundo Beatriz Nascimento:

a educação representa um elemento de pressão dos grupos subordinados em busca de melhores condições de vida e ascensão social. Tendo em consideração um passado patriarcal, colonial e escravagista que reverbera cotidianamente em nossa sociedade, os avanços educacionais são limitados e recentes à população negra. (NASCIMENTO, 2006. P.105)

Ingressar na universidade significa também afastar-se do seio familiar, pensar e buscar formas para se manter na cidade, organizar moradia e os gastos com mantimentos. Na maioria das vezes, antes de conseguir o auxílio manutenção é preciso procurar um emprego, alguma atividade que gere renda para garantir a permanência, considerando que nem todas as famílias possuem condições financeiras para arcar com os gastos básicos na cidade. Ao mesmo tempo esse desafio representa também a oportunidade de cursar o ensino superior, tão almejada por muitos. Como pode-se observar na fala da *Egressa 2*:

A princípio, quando ingressei no curso de Humanidades não sentia empolgação com o curso, mas era uma oportunidade de ter uma formação superior, então segui. Terminado o bacharelado, fiz transição para a Licenciatura em Pedagogia e foi aí que me encontrei de verdade, passei a me identificar com as disciplinas e com os temas dos debates e discussões proporcionados pelos professores. (Entrevistada em 15 de agosto de 2020).

O ENEM e o Sistema de Cotas ampliam as possibilidades do quilombola, estudante de escola pública conseguir uma vaga na universidade. E isso contribuiu de forma relevante para que os estudantes do quilombo Santa Cruz iniciassem a graduação. Porém vai além do ingresso, é importante ressaltar a importância dos programas de bolsas de auxílio e manutenção que tornam-se essenciais para a permanência e conclusão. Percebe-se que todos os sujeitos da pesquisa são ou foram bolsistas de algum projeto da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Considerações Finais

Diante do exposto, conclui-se que o ingresso dos jovens da comunidade Santa Cruz na UFVJM foi um divisor de águas, cuja contribuições podemos observar por meio da atuação no mundo do trabalho após conclusão de seus cursos. Estes estudantes rompem um ciclo de baixa escolarização de seus familiares, mães e pais, conforme (SILVA, 2020), embora a grande maioria ainda seja estudante.

A partir dos dados apresentados nessa pesquisa pode-se observar que a trajetória do estudante quilombola é um tanto desafiadora, principalmente quando se trata da permanência. Fica claro a dependência das políticas públicas que apoiam a educação e principalmente a educação dos estudantes com condições menos favoráveis. Percebe-se também para além das dificuldades, um caminho rico de descobertas, de novos conhecimentos e novas possibilidades de trabalho. A Universidade propicia ao estudante um novo olhar para si e para o mundo, é uma oportunidade de enxergar o quanto somos capazes de ir além, de conquistar os espaços que são nossos por direito.

Referências

BIGLIA, Barbara. Avances, dilemas y retos de las epistemologías feministas en la investigación social. In: AZKUE, Irantzu; LUXÁN, Marta; LEGARRETA, Matxalen, GUZMÁN, Gloria, ZIRION, Iker, CARBALLO, Jokin (Orgs). **Otras formas de (re)conocer**. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista. Bilbao: UPV, 2014. p. 21-44.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação** : uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora. 1994.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR. **Programa Brasil Quilombola: Comunidades Quilombolas Brasileiras: regularização fundiária e políticas públicas**. 2009.

CARVALHO, José J. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, jul. 2001.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995-2015**. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984. Disponível em: <<https://goo.gl/Vfdjdq>>. Acesso em: 23 out. 2018.

MARTIN, Juan C. G.; MADROÑAL, Angeles C.. Antropologia comprometida, antropologia de orientação pública e descolonialidade: desafios etnográficos e descolonização das metodologias. **OPIS**. Catalão-Goiás. v. 16. n.2. p. 262-279. Jul-dez. 2016.

MIRANDA, Shirley A.. Dilemas do reconhecimento: a escola quilombola “que vi de perto”. **Revista da ABPN**. v.8, n.18. vov. 2015-fev.2016, p. 68-89.

MIRANDA, Shirley; ZEFERINO, Jaqueline; PRAXEDES, Vanda; GONÇALVES, Carmem; SILVA; SILVA DE OLIVEIRA, Paula; FERREIRA, Maria Raquel; MELO, Regina; SOUZA, Gilmar; LOZANO, Suzy Rocio; RIBEIRO, Antônio. Quilombos e Educação. In: SILVA, Paulo V.; RÉGIS, Kátia, MIRANDA, Shirley (Orgs.) **Educação das Relações Étnico Raciais: o estado da arte**. Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018. p. 473-536.

MOURA, Clóvis. Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo. **Afro-Ásia**. n. 14, 1983. p. 124-137.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. **Revista de Cultura Vozes**. n.68, v.7. p.65-68. Petrópolis, 1974.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTS, Alex (Org). **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006. p. 102-106.

O'DWYER, Eliane C.. **Terra de quilombos**. Associação Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro, julho de 1995.

O'DWYER, Eliane C.. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. In: **Tomo**, São Cristóvão, SE, n. 11, jul-dez. de 2007.

SANTOS, Boaventura de S.. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Paula Cristina. **“Aqui é tudo uma família só”**: maternidade e práticas culturais de um grupo de mulheres em um comunidade quilombola no Alto Jequitinhonha. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte, MG. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. 2020.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review*)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2021

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424